

POR UMA MATERNIDADE LITERÁRIA: CONCEIÇÃO EVARISTO, CAROLINA MARIA DE JESUS E JOREMIR DE ASSIS DE FERREIRA EM DIÁLOGO

FOR A LITERARY MATERNITY: CONCEIÇÃO EVARISTO, CAROLINA MARIA DE JESUS AND JOREMIR DE ASSIS DE FERREIRA IN DIALOGUE

Raphael Ribeiro da Silva¹

RESUMO: Neste artigo percorro um conjunto de ideias que proponho como um modo de compreensão do espaço de criação literária, artística e política de escritoras negras contemporâneas brasileiras. Esse espaço em questão foi pensado a partir de uma figuração do corpo feminino, onde busquei ancorar meu raciocínio, a partir das noções de *maternidade literária* e *ventre gerador*, tendo como ponto central fragmentos dos manuscritos biográficos de Joremir de Assis Ferreira, minha avó-mãe de criação, lido em diálogo com escritas de outras duas autoras negras da literatura brasileira, Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, que por sua vez, amplificam questões das vivências negro-femininas. O procedimento de leitura é de matriz afetiva e parte de figurações de espaços do corpo feminino em gestação, o procedimento metodológico que organiza a análise parte da ideia de leitura em roda (Miranda, 2019). O objetivo deste artigo é demonstrar a relação político-afirmativa partilhada tanto pela escrita literária de autoras negras brasileiras já reconhecidas quanto escritas não difundidas, que se dão no cotidiano e na intimidade de mulheres negras.

PALAVRAS-CHAVES: escrita literária; literatura de mulheres negras; vida e escrita.

ABSTRACT: In this article I cover a set of ideas that I propose as a way of understanding the space of literary, artistic and political creation of contemporary Brazilian black writers. This space in question was thought from a figuration of the female body, where I sought to anchor my reasoning, from the notions of literary maternity and generator womb, having as central point fragments of the biographical manuscripts of Joremir de Assis Ferreira, my grandmother-mother of creation, read in dialogue with the writings of two other black authors of Brazilian literature, Conceição Evaristo and Carolina Maria de Jesus, who in turn amplify issues of the black-female experiences. The reading procedure is an affective matrix and part of figurations

¹ Mestre em Literatura, cultura e contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-2048-5418>. E-mail: phribeirodi@gmail.com.

of spaces of the female body in gestation, the methodological procedure that organizes the analysis part of the idea of reading in a circle (Miranda, 2019). The purpose of this article is to demonstrate the political-affirmative relationship shared both by the literary writing of Brazilian black authors already recognized and by non-widespread writing, which take place in the daily lives and intimacy of black women.

KEYWORDS: literary writing; black women's literature; life and writing.

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo busca percorrer um conjunto de ideias que proponho como um modo de compreensão do espaço de criação literária, artística e política de escritoras negras contemporâneas brasileiras. Esse espaço em questão foi pensado a partir de uma figuração do corpo feminino, onde busquei ancorar meu raciocínio, tendo em vista que costumo pensar a partir de uma *feminilidade epistêmica*². Vale ressaltar que as discussões empenhadas neste artigo foram desenvolvidas ao longo do curso de Mestrado em Letras no Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio.

Quanto às ideias que proponho, estão noções de *maternidade literária* e *ventre gerador*, que elabore apoiado em diversos espaços teóricos que acessei ao longo de minha formação acadêmica. A *maternidade literária* seria, de modo geral, uma maneira de observar a literatura a partir da perspectiva da maternagem feminina e suas nuances e pluralidade, sua matriz feminina, buscando, porém, escapar de romantizações e lugares comuns.

Tendo como elemento norteador da *maternidade literária*, no deslocamento da literatura para um lócus feminino fundamental, está a ideia de *ventre gerador*, onde o interesse reside na recuperação do espaço

² A ideia de *feminilidade epistêmica* no qual eu me refiro, ainda carece de uma melhor conceituação teórico-crítica, entretanto proponho (e demarco) aqui brevemente e ainda de modo provisório. Em linhas gerais, trata-se de um modo de pensar e construir conhecimento a partir de uma posição gnosiológica afeminada, pautada no comportamento de um homem gay performado um comportamento feminino.

biologicamente determinado como feminino, que é o útero. O que busco é reencená-lo estabelecendo potências em suas nuances, empenhando em apontar novas possibilidades interpretativas a partir desse espaço. Recorro a uma ideia apresentada pela professora e poeta Livia Natália, para realizar essa construção teórica.

A autora argumentou acerca do espaço uterino em sua fala no evento Literatura Negra Uterina, posteriormente registrada em vídeo, onde nos diz:

Pra fazer as coisas mais difíceis têm que ter útero: ele sendo material utilizado ou não, ele sendo um útero que vai parir ou um útero que não existe. Mas eu digo útero como essência do feminino, como uma força que é nossa, porque só a gente gera vida. Toda a vez que eu falo sobre estas questões relativas à mulher, ao feminino, na verdade eu estou o tempo inteiro falando de minha mãe (NATÁLIA, 2015, online).

É a partir da fala de Livia Natália que começo a pensar o espaço de criação de três autoras negras contemporâneas que aparecem em diálogo neste artigo.

A mulher negra, carioca de 69 anos, Joremir de Assis Ferreira, que me fez ter acesso a um conjunto de manuscritos pessoais, onde conta sua vida e trajetória, em uma construção narrativa para mim que sou seu filho-neto, é colocada em uma roda de leitura com as mineiras Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus. Sendo assim, parto do espaço de pesquisador de literatura brasileira e também do lugar afetivo e curioso de um neto que observa na escrita de sua avó-mãe uma série de conexões, semelhanças e dissonâncias em um conjunto de vozes-mulheres integrado também por duas escritoras negras brasileiras já consagradas.

O *ventre gerador* seria o espaço por onde as três escritoras negras gestam suas dicções literárias, agenciando as limitações que lhes foram

impostas historicamente, com o capital criativo de suas histórias e vivências. O interesse desse agenciamento se constrói diante da necessidade política de luta por afirmação, tanto na literatura como na vida cotidiana.

Na fala da professora Lívia Natália, é possível pensar o útero como um espaço onde está sendo preparado algo e, portanto, há um agenciamento de forças. Aqui neste artigo, faço um deslocamento do plano biológico para uma elaboração subjetiva desse espaço, pensando a partir dos agenciamentos que Joremir de Assis Ferreira faz diante de sua cena pessoal, ao priorizar determinados episódios para torná-los públicos. As autoras negras Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus também fazem um agenciamento de forças diante da cena literária, assim estarão circulando em torno da minha leitura dos manuscritos de Joremir.

Algumas perguntas me conduzem para o questionamento principal deste artigo, sendo elas: o que essas mulheres negras carregam em seus ventres? a geração dos temas se dá por quais construções históricas/sociais/políticas? Para tentar responder esse conjunto de questões que os textos me provocam, sigo a partir da metodologia da “leitura em roda” proposta pela pesquisadora Fernanda Miranda em sua tese de doutorado e em texto recentemente publicado em periódicos literários. Não imito a performance metodológica da autora, mas me aproximo do seu gesto para encontrar um modo de reunir semelhanças e observar contrastes entre três mulheres negras que escrevem.

Tendo em vista o meu desejo de aproximar Joremir de Assis Ferreira de outras duas escritoras negras brasileiras, recorro ao desenho da roda, proposto por Fernanda Miranda. Para além da imagem da roda, me recordo das salas de espera das consultas de pré-natal quando acompanhava minha

irmã Nathália. Na sala o assunto era a *prenhice*³. Enceno esse espaço para pensar o assunto da minha roda, coloco minha avó numa roda onde o insumo é a *prenhice*. Gosto da potência que a roda pode proporcionar para minha leitura, pois:

A roda é antes de tudo, uma forma de leitura comparada, uma metodologia. O pressuposto da roda são as trocas, os atravessamentos daquele momento vivo. A roda é um prisma a partir do qual se pode pensar a literatura como experiência contemporânea de conexão e partilha, de comunidade. (...) na roda não há hierarquia, o centro é móvel, contingente, transitório. A roda é o avesso da torre. A roda não é lúdica nem está à parte, pelo contrário, pode gerar uma integridade oxigenada para lermos nosso tempo (MIRANDA, 2019, p.14).

Já temos um conjunto de forças, de vontades e um modo para reunir três escritoras negras contemporâneas em uma roda, onde poderemos ler suas expressões literárias, em dicções diversas e próprias, e eu curioso pelo conteúdo de seus ventres prenhes, sentarei ao meio dessa roda para aprender com cada ponto de costura, no entrelaçamento de fios de memória e de inventividade negro-uterina.

2 ENCENANDO UMA RODA: APROXIMAÇÕES ENTRE CONCEIÇÃO, CAROLINA E JOREMIR

Eu me lembro que minha avó Joremir estava sempre a ensinar os pontos de crochê e tricô para as vizinhas do bairro. Convido então Carolina e Conceição para essa roda, e eu no meio cheio de perguntas e questionamentos,

³ Comecei a esboçar esse raciocínio também a partir da leitura da poesia de Lívia Natália. Entendo a *prenhice* para além da sua noção de estar prenhe, grávida; mas também no sentido de estar carregando algo dentro de si, da experiência de estar repleta, como se pode observar na poesia de Lívia Natália.

passaio por entre pontos atrás e pontos corridos que se entrelaçam por entre os espaços que elas abrem diante de mim, num tecer de vozes-mulheres.

Conceição Evaristo traz para a roda Ponciá Vicêncio e Maria-Nova, e essas duas são uma mistura dela própria, com as vozes das mulheres que conheceu e das que ouviu da boca de suas tias e de sua mãe. As vozes-mulheres que Ponciá e Maria-Nova ecoam são experiências de vidas que estão pelos becos da memória de minha avó, Joremir, que de pronto arregala os olhos esboça aquele sorriso de quem está assimilando e recordando experiências comuns, um encanto no rosto de quem gosta de ouvir histórias.

Intrometido que sou, digo que essas histórias estão em livros de romances de Conceição Evaristo, e que se chamam *Becos da memória* (2006) e *Ponciá Vicêncio* (2003). Minha avó indaga sobre a possibilidade dessas histórias serem de romance, pois segundo ela “romance tem que ter uma trama menos densa, pois de tristeza já bastava a vida real não é mesmo?” Respondo: Lembra que eu lhe disse para os ler e que havia lembrado muito do que me contou sobre sua vida? Conceição continua a nos contar sobre Ponciá e sobre suas memórias que compõem o seu romance polifônico *Becos da memória* (2006).

Carolina chegou um pouco atrasada para fechar a roda. Carolina trazia consigo um monte de histórias que vivenciara também na favela e que tinha tentado registrar nos papéis que recolheu do lixo. Minha avó sorriu outra vez, pois ela nunca dispensa um papel velho, sempre faz bilhetes no verso das contas, faz rascunhos de suas leituras e de seus sermões religiosos. Estava escrevendo “umas coisas” para seu neto. Tinha que deixar registros de sua história para os seus. Seu legado não deveria ser perdido. Gostava de recordar, e estava disposta a recordar e a costurar com suas companheiras de roda: “Cheguei à conclusão de que não necessitamos perguntar nada a ninguém. Com

o decorrer do tempo vamos tomando conhecimento de tudo. “ (JESUS, 2014, p.14.)

Carolina tem toda razão quando entende que o tempo ajuda a costurar os “fios da meada” e quando ela trouxe para a roda a personagem Bitita, a minha avó Joremir, ainda crochetoando, pensava na pequena Jô na sua difícil infância na escola e em casa. Conceição também percebe que a pequena Maria-Nova recolhia em si muitas vozes-meninas que dos becos das favelas tentavam recontar suas histórias tristes. Penso eu, no centro dessa roda, que há um nexo de semelhança, mas penso que as particularidades de suas histórias fazem se abrir diante de mim um espaço de compreensão fundamental dessas escritas.

Lembro do que Livia Natália apontou em uma entrevista onde pensa a sua escrita literária, que de certa forma, está inserida em um espaço identitário semelhante que o das três mulheres negras dessa nossa roda. Eu lembrei do apontamento de Livia Natália pois foi a partir dele que comecei a entender esse espaço literário como um campo plural de vozes. Ela diz na entrevista:

Eu acho que a gente não pode dizer que é um bloco só. Você tem várias escritas, várias mulheres escrevendo de maneiras diferentes. Você tem mulheres que têm um contexto mais frontal mesmo [impacto, confronto] tipo Cristiane Sobral: o cabelo, essa coisa que é mais da preponderância de uma guerra mais declarada. Aquela coisa do confronto o tempo inteiro, e falando mesmo e uma coisa quase performática dentro do texto. Você tem Mel Adún que é meio do caminho, você tem Miriam Alves, que tem outra forma de escrita, você tem Conceição Evaristo que tem uma poesia na escrita, mas ao mesmo tempo um confronto muito grande. Mas o fato é que a escrita de mulheres negras é uma escrita que é completamente diferente de uma escrita de mulheres brancas, dos homens brancos e dos homens negros. Então, eu acredito que nós formamos dentro dessas várias formas de escrita, nós formamos um corpo sustentado (NATÁLIA, 2016, online).

Quando penso na ideia de “corpo sustentado” e nas demandas deste corpo, penso nas temáticas que são gestadas dentro dos ventres literários de

cada uma dessas mulheres que escolhi. Gostaria de trilhar percursos temáticos, onde aparecerão algumas demandas, sempre apresentadas de muitas maneiras e percepções distintas, tendo em vista as vivências de cada uma delas, que ora espelham similaridades, ora distanciamentos.

Dentre as muitas demandas que percebo no cerne das histórias que essas mulheres trazem para a roda, observo uma predominância de uma criação literária que elabora a construção identitária de um eu marcado pelas violências do racismo, pelas opressões de gênero, pela pobreza. A personagem Bitita, trazida à cena por Carolina Maria de Jesus é quem inicia meu vaguear-pensante. Gostaria de lhes contar um pouco do que tenho pensado e aprendido, estando aqui no centro dessa roda de conversas e costuras.

Carolina Maria de Jesus elabora um retorno à infância e faz um movimento de vaivém por entre as suas águas-lembranças para compor seu *Diário de Bitita* (2014), e aqui embarco em fragmentos de Carolina Maria de Jesus, acompanhado de Joremir de Assis Ferreira, que por entre as suas memórias da infância e de seus movimentos vaivém, nos conta sua história. A construção narrativa que Carolina Maria de Jesus elabora para compor Bitita no seu diário, constrói uma ponte que me leva para os relatos de Joremir de Assis Ferreira quando narra sua infância.

Entre elas há uma ligação direta de semelhança. Entre os temas que as conectam estão uma ausência paternal, uma relação de dominação e opressão por parte da mãe, que por conta das demandas da matrifocalidade ⁴ que desempenham no cotidiano, acabam não estabelecendo laços de afetos com suas filhas. Há também a questão social, onde ambas experienciam a pobreza, com

⁴ Matrifocalidade é um conceito que qualifica um grupo doméstico centrado na mãe, estando o pai frequentemente ausente ou detendo apenas um papel secundário. Raymond Thomas Smith criou o conceito para dar conta da realidade familiar das famílias negras das Américas. O sociólogo Jessé de Souza analisa o contexto brasileiro na obra *A elite do atraso: Da escravidão à Lava Jato* (2017).

suas particularidades, e por fim, mas não menos importante, o racismo que é, sem dúvidas, um fio que conecta suas narrativas.

Será que cada criança tem que ter um pai? O pai de minha mãe foi Benedito José da Silva. Sobrenome do sinhô. Era um preto alto e calmo. Resignado com a sua condição de soldo da escravidão. Não sabia ler, mas era agradável no falar. Foi o preto mais bonito que já vi até hoje.

Eu achava bonito ouvir a minha mãe dizer: - Papai! - E o vovô responder-lhe: - O que é minha filha? Eu invejava a minha mãe por ter conhecido pai e mãe (JESUS, 2014, p.13).

Carolina narra uma ausência paterna em sua trajetória e pontua a sua insatisfação por não conhecer o seu pai e também registra uma insatisfação no fato de que cada um de seus irmãos terem pais distintos do seu. O modo como as mulheres negras tecem sua crítica me coloca a pensar na centralidade que elas exercem na formação de uma sociedade como um todo: a repetição de frases como “aprendi isso com minha mãe” ou “aprendi isso com minha avó” evidencia essa centralidade.

Minha mãe me espancava todos os dias. Quando eu não apanhava, sentia falta. Então compreendi que o vovô era o meu defensor. Quando mamãe me batia, eu ia para casa do meu avô. Era uma choça quatro águas coberta com capim. Semelhante às ocas dos índios que eu via nos livros. A casa do vovô era tão pobre (JESUS, 2014, p. 29).

O criar sozinha os filhos, a matrifocalidade, é um processo complexo, mas de modo geral, se estabelece seja pelo fato dos pais terem abandonado essas mulheres e, portanto, não as tendo como companheiras, acabam escapando da responsabilidade paternal, e no caso dos pais casados com as mães de seus filhos, é comum trabalharem muito tempo e se fazerem ausentes da criação dos filhos.

Fui uma criança que estava sempre a chorar pois levava uma vida privada sem liberdade (...) Minha mãe não tinha diálogo comigo. (...). Não me lembro de ter tido carinho de meus pais. Se me perguntarem se eu tenho saudade da minha infância, eu digo que não. (...) Depois que fiquei moça minha avó materna começou a me explicar muita coisa (FERREIRA, Joremir de Assis. Manuscritos inéditos).

A experiência de Joremir de Assis Ferreira é próxima a de Carolina Maria de Jesus, e as aproximei para evidenciar uma situação social que me parece ser comum não apenas entre elas, mas que também pode ser observada como uma problemática social nas configurações das famílias brasileiras, sobretudo as pobres e faveladas, a já mencionada matrifocalidade.

Busquei fazer uma encenação teórico-crítica a seguir, pensando na violência que a centralidade do papel da mãe causa diante da relação delas com suas filhas. Gostaria antes de explicar que para pensar essa questão é central para entendermos algumas temáticas que as escritoras negras articulam em suas escritas, mas também para posicionarmos suas demandas como sujeitos políticos.

3 ENCENAÇÕES TEÓRICO-CRÍTICAS: ESTABELECENDO UM “LUGAR TEÓRICO” A PARTIR DAS ESCREVIVÊNCIAS

Aprendi com o saudoso professor de literatura brasileira Renato Cordeiro Gomes, que é possível criar “lugares teóricos” a partir do ficcional e assim fazer da literatura não apenas como elemento passível de interpretação na pesquisa, mas também como um instrumento de teorização sobre o literário e o cultural. Nesta encenação eu proponho conceituações que não estão totalmente fechadas, tendo em vista que em trabalhos futuros buscarei testar suas aplicações. Essas conceituações são modos próprios de ler algumas

instâncias das literaturas escritas por mulheres negras e que se articulam em torno do espaço da favela.

O *ventre gerador* é uma conceituação que pensa o órgão feminino útero como um espaço de gestação que abriga criatividade, inventividade literária e artística. Nesse espaço o estado de *prehnice* é uma constante, e, portanto, o estado de inventividade artística e também política está sempre permeando os projetos literários de mulheres negras, que agenciam suas temáticas diante das demandas que as violências do racismo, do machismo e do sexismo operam em suas experiências como mulheres negras.

Atribuindo um desenho figurado ao espaço do útero das mulheres negras, não podemos romantizar o estado de *prehnice* constante, tendo em vista as formas de “engravidamentos”: tidas como mais fortes e aptas para gerarem novos escravos, eram estupradas constantemente pelos senhores brancos. Apesar de *prehnes*, as mulheres negras eram capitalizadas como mão de obra escrava nas *plantations*, dentro da Casa-Grande e como objetos de satisfação sexual e desejo dos senhores brancos colonizadores. As gestações não se tornavam problemas, pois seus filhos já nasciam subjugados e destinados a serem escravizados. Era uma forma de manutenção do modelo de exploração de pessoas negras no Brasil.

Estabelecendo aqui um “lugar teórico,” é possível encenar o ventre como o local de gestação das inventividades artísticas e literárias de autoras negras, é possível vê-lo como o local de fomento de instrumentos que serão utilizados nas disputas narrativas. Mas isso acontece mediante o processo de recapitalização da dor, operado pelas mães pretas enquanto geram seus filhos. É preciso prepará-los para a dinâmica violenta que os espera.

Compreendendo os projetos literários como filhos gestados nos ventres, podemos afirmar que partes dessas narrativas podem ser tidas como frutos de um conjunto de violências cotidianas que seus corpos se defrontam

historicamente, embora também experimentam a possibilidade de múltiplos nascimentos. A autoria negro-feminina, então, carrega no ventre um filho produzido a partir da dor, mas que será conduzido por rotas de fuga, onde o afeto e a afirmação da possibilidade de vida, busca escapar lugares de opressão e violência. Dessa forma, ao olhar para fragmentos das escritas de mulheres negras, é relevante pensar como as questões das violências do passado colonial se atualizam e quais escolhas configuram as rotas de insurgências em suas escritas.

Uma moldura possível que avisto é a percepção de que a escrita de Joremir de Assis Ferreira nos manuscritos inéditos fornecidos pela autora, é em grande medida, uma produção que denuncia, provoca e cria rotas de insurgência diante de uma tríade temática: racismo, machismo e desigualdade social. Aproximá-la de outras escritas de autoria negro-feminina, tais como as de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus é entender que se trata de um processo amplo de uma dada população brasileira. Nesse sentido, retira dos seus manuscritos um estatuto de singularidade e contribui para a observação das múltiplas facetas das realidades experienciadas por mulheres negras no Brasil.

Entre os muitos modos de contornar os escritos de autoria negro-feminina, busquei um em que priorizei uma tríade que se mostrou constante nos manuscritos de Joremir de Assis Ferreira e que também é um plano de fundo nas criações de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Esse meu modo de contornar está amparado no pensamento social acerca do Brasil, onde a tríade racismo-machismo-desigualdade social mostrou-se como um pilar determinante.

Sueli Carneiro, ativista antirracista e pensadora negra brasileira, expõe desde muito, em consonância ao pensamento esboçado desde o contexto americano por Ângela Davis, que “raça estrutura classe no Brasil” (2011).

Estabelecer uma elaboração crítica acerca da produção literária desses *ventres geradores* a partir da tríade racismo-machismo-desigualdade social, nos põe diante do desafio de contornar esse espaço para além da ideia do saldo escravista nas relações étnico-raciais. Isso porque as facetas do racismo contemporâneo e suas tecnologias e dispositivos estão, contemporaneamente, ajustados e recapitalizados em novas práticas e lógicas.

O que nos exige deslocamento da ideia do racismo como dispositivo colonial e faz com que estejamos mais atentos às suas complexidades. Olhar as engrenagens contemporâneas do racismo, se torna possível, quando avistamos, por exemplo, as relações familiares e a circulação social de mulheres como Joremir de Assis Ferreira.

O racismo, a meu ver pode ser lido como uma ferida colonial que nunca se curou. Foi o dispositivo que coroou e manteve o escravismo como modelo de organização social e que persiste sendo um elemento estruturante das violências raciais contemporâneas. Observá-lo a partir de hoje, nos desafia a entender como ele se estrutura em práticas cada vez mais perversas que ainda regem os comportamentos sociais. Portanto, ao me defrontar com escritos biográficos Joremir de Assis Ferreira, onde a autora recorda as violências sofridas na infância dos anos 1950, é possível contornar os fragmentos a partir do entendimento dessa equação.

Assim como na criação de Carolina Maria de Jesus, que conta no seu *Diário de Bitita*, a partir da perspectiva da infância, a escrita de Joremir de Assis Ferreira em seus manuscritos relata dois espaços onde o racismo era operante: a casa e a escola. Portanto, suas escritas registram o modo como elas, enquanto crianças, lidavam com o racismo nestes espaços. Narrados a partir de uma perspectiva de uma mulher negra, nos permite perceber, pelas escolhas que fazem, que elas possuem modos novos de enfrentar essa violência que não tinham quando crianças.

A maneira como as duas autoras elaboram suas rotas de criação para com a violência do racismo, pode ser evidenciada nos fragmentos a seguir:

No ano de 1925, as escolas admitiam alunas negras. Mas quando as alunas negras voltavam das escolas, estavam chorando. Dizendo que não queriam voltar à escola porque os brancos falavam que os negros eram fedidos. (JESUS,2014, p.42)

Havia diferença entre os alunos no modo de tratá-los. Naquela época não tinha maldade de pensar pelo lado do racismo pois tinham crianças da cor (sic) que eram tratadas da mesma forma. Só que ela não pegava tanto no pé pois as mães das outras eram barraqueiras. Se eu chegasse em casa e falasse alguma coisa me colocavam de castigo e dizia que se ela fez foi porque eu mereci (FERREIRA, Joremir de Assis. Manuscritos inéditos.).

Sendo essas escritas performances autobiográficas, se torna possível entender o retorno a certas memórias, como estratégias de reescrita de episódios vivenciados no passado. Acredito que revisitando os episódios de racismo que sofreram na infância, ciente dos traumas que essa violência produz na memória das mulheres negras, elas produzem uma espécie de acertos de contas. Esse acerto de contas é possível quando se nomeia a dor sofrida, na perspectiva de bell hooks, exposta no livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (2017):

Não é fácil dar nome à nossa dor, teorizar a partir desse lugar. Sou grata às muitas mulheres que ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõem corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestra e guia, como meio para mapear novas jornadas teóricas (hooks, 2017, p.103).

Certamente ao escrever suas memórias essas mulheres negras, ao que me parece, não estavam preocupadas em teorizar sobre o racismo ou qualquer outra forma de opressão, mas o gesto que se vê é o de nomeação. Enquanto que

Carolina Maria de Jesus pensava em um projeto literário e se entendia como escritora, Joremir de Assis Ferreira apenas conta suas lembranças. Mas o gesto entre elas é o mesmo: traçar novas rotas de experiência a partir do que um dia foi dor.

O entendimento acerca da motivação em retomar da memória determinadas cenas, parece óbvia, tendo em vista a brutalidade do que elas viveram, mas a pedagoga Benilda Brito, autora do livro *Negras (in)confidências: Bullying não. Isso é Racismo*”, consegue explicar esse processo de revisitar as memórias de dor, para uma reescrita da vida. Ela explica sobre os relatos de mulheres negras que reuniu em seu livro, e conta que as escritoras, já idosas, narram as violências que sofreram no Ensino fundamental.

Não é ficção, são vivências cotidianas de racismo na escola, que deixaram marcas profundas e foram trancadas a sete chaves na gaveta da memória. Ao revisitá-las, ainda se percebem as marcas vivas. O bullying te descaracteriza, mas o racismo desumaniza. E o curioso é que eu tenho escritoras, no meu livro, de 70 anos que contam a história aos 6 anos de idade: ‘quando eu tinha 6 anos, o Paulo José da Silva.’... ela sabe o nome do agressor, ela sabe a época que foi, ela sabe a situação que aconteceu, porque o racismo é uma violência que não vai sair da sua cabeça (BRITO, 2019, online).

Vale ressaltar, que não considero a escrita de autoria negro-feminina presa nessa motivação única, não acredito que ela só percorra esses caminhos de reescrita da experiência da dor. O racismo é um desafio incontornável, sem sombras de dúvida, para a escrita de mulheres negras e que muitas das vezes funcionam como gatilho no processo de criação. Mas há muitos modos de recapitalizar a dor em escrita, assim como muitos modos de encará-lo. Até aqui o que quis demonstrar é um gesto central na composição temática de algumas escritoras negras, como é o caso de Carolina e de Joremir.

Proponho a *maternidade literária* como uma maneira de leitura. Essa noção funciona como uma ferramenta de leitura que entende a “cultura da maternagem” como um elemento providencial para o entendimento da literatura negra brasileira. É na cena de cuidado da mãe para com seu filho que procuro uma potência para ler projetos de escrita literária feminina. Pensemos na literatura brasileira como um corpo autoral que é masculino e branco, a partir daí, proponho a imagem do pai ausente, que está sempre trabalhando fora e não saberia explicar as relações do cotidiano familiar da mesma maneira da mãe negra, que está todos os dias criando seus filhos, e, portanto, cativando narrativas e imaginações.

Essa figuração que proponho para compreender a literatura, nos desloca do ponto de vista dos nossos pais brancos que escreveram sempre no lugar das mães negras que nos ensinavam tudo enquanto estávamos em casa, sempre em sua companhia. Pelo que se pode observar na relação de Carolina e de Joremir, a partir dos fragmentos de seus textos, a relação de maternagem era uma ferida aberta, e a casa, que deveria funcionar como um espaço de acolhimento e de cura, acabava funcionando como mais um espaço de opressão. Mas essa relação difícil de mãe para com a filha, evidenciada na escrita das duas autoras pode ser compreendida por uma problemática social em que o machismo é também um dispositivo, que acompanhado o racismo, desempenha um papel estruturante nas configurações familiares.

4 A MATERNIDADE LITERÁRIA COMO FERRAMENTA DE COMPREENSÃO DA LITERATURA NEGRO-FEMININA

Antes de encerrar gostaria de estabelecer um contorno mais consistente para o que venho chamando de *maternidade literária*. A ferramenta de leitura que proponho não quer exigir o esquecimento da versão do pai branco, mas quer priorizar a leitura de uma perspectiva que não teve

centralidade durante muito tempo: a história contada pela boca da mãe preta. Da mãe. Nesse sentido, a versão do pai branco nos serve para que seja confrontada com a versão da mãe preta, para que possamos delimitar as seleções e escolhas que configuram o corpo literário da Literatura Brasileira e a composição de seu cânone.

Entendo a relação de maternagem como um dispositivo, que vai além de um papel social das identidades femininas diante da responsabilidade que lhes são designadas para com esse novo ser parido por elas. Tendo em vista que as escritas de mulheres negras ainda são enquadradas em molduras teóricas tradicionais, espero que a *maternidade literária* venha, a partir deste trabalho e em abordagens futuras que buscarei fazer, contribuir para uma leitura dos textos literários a partir de uma outra moldura.

Acredito que essa ferramenta de leitura é um reposicionamento da perspectiva com a qual estamos acostumados. Os modos de escrever sobre as experiências de corpos negro-femininos são plurais. Digo isso pois, muita das vezes, ainda me flagro estabelecendo metodologias, ferramentas e escolhas teóricas marcadas pela colonialidade. Nesse sentido, ao propor esta ideia, caminho em direção ao chamamento já clássico de Conceição Evaristo, quando diz: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da Casa Grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.” E é preciso a cada dia fazer algum pai branco acordar de seu sono injusto.

A filósofa e ativista brasileira Lélia Gonzalez (1935-1994), fornece um instrumento teórico que contribui para construção da ideia de *maternidade literária*. Ao elaborar a noção de “pretoguês”, apontou para a importância da figura da mãe preta na formação dos filhos dos brancos nas Casa-Grande. Recuperar esta experiência de maternagem é o primeiro deslocamento fundamental que faço para estabelecer a perspectiva de leitura que venho propondo. O que gostaria de fazer é recuperar a potência da participação

fundamental que as mães pretas tiveram no interior da formação de nossa identidade cultural, como fica estabelecido por Lélia:

E quando a gente fala em função materna, a gente tá dizendo que a mãe preta, ao exercê-la, passou todos os valores que lhe diziam respeito pra criança brasileira. Essa criança, esse *infans*, é a dita cultura brasileira, cuja língua é o pretoguês. A função materna diz respeito à internalização de valores, ao ensino da língua materna e uma série de outras coisas mais que vão fazer parte do imaginário da gente. Ela passa para esse mundo de coisas que a gente vai chamar de linguagem. E graças a ela, ao que ela passa, a gente entra na ordem da cultura, exatamente porque é ela quem nomeia o pai (GONZALEZ, 1988, p. 235 -236).

É no intuito de resgatar as instruções fundamentais aprendidas com a mãe preta que poderemos contornar as perspectivas literárias do pai branco, e com um olhar novo, desta vez mais crítico, reposicionamos os lugares de quem vai narrar e de quem agora deverá estar no lugar de escuta. Eu acredito que é preciso escutar mais que não pôde falar por tanto tempo. E mais uma vez, a tecnologia da roda de Fernanda Miranda, se faz fundamental. É preciso que filhos brancos, como eu, dessa Mãtria Mãe gentil possam estar dispostos a sentar no meio da roda e se pôr a ouvir o que as mães pretas estão a nos contar.

E o gesto de sentar no meio da roda para ouvir as mães pretas nos recontar as histórias, a partir de suas experiências, é uma necessidade do nosso tempo presente, tendo em vista as demandas que a contemporaneidade do racismo brasileiro impõe diante de nós. A ideia de posicionalidade, proposta por Ângela Figueiredo e Ramón Grosfoguel (2017), se faz fundamental para complementar a estruturação de minha proposta de leitura focada na perspectiva das mães pretas.

Recupero a seguinte questão:

O ponto central aqui é o lugar da enunciação, isto é, a localização étnica, sexual, racial, de classe e de gênero do sujeito que enuncia. Na filosofia e nas ciências ocidentais o sujeito que fala está quase sempre encoberto; a localização do sujeito que enuncia está sempre desconectada da localização epistêmica. Por meio dessa desconexão entre a localização do sujeito nas relações de poder e a localização epistêmica, a filosofia ocidental e suas ciências conseguiram produzir um mito universal que encobre o lugar de quem fala e suas localizações epistêmicas nas estruturas de poder (FIGUEIREDO e GROSGOUEL, 2017, p. 38).

Buscando prestar atenção no que se forma dentro dos *ventres geradores* dessas mulheres negras que escrevem, pensar o local de enunciação como um parâmetro de leitura é fundamental. Digo isso porque muitos de nós, pesquisadores, críticos e interessados na literatura negro-feminina, ao elaborarmos enquadramentos, molduras e estratégias de leitura, acabamos por estabelecer gestos de “reunião de semelhanças” limitadores. Esses gestos a que me refiro, servem mais para limitar e apagar a pluralidade de dicções literárias das escritoras negras do que para provocar reflexões sobre a literatura brasileira, mais especificamente, em como se dá a formação de nosso cânone.

A pesquisadora e crítica Mirian Cristina dos Santos, argumenta em seu livro *Intelectuais Negras: Prosa Negro-Brasileira Contemporânea* (2019), que a leitura de mulheres negras em interrelação, nos permite observar a trajetória de um dado segmento da população brasileira e estabelecer uma localização epistêmica de suas respectivas empreitadas:

Visto que as narrativas produzidas por mulheres negras têm seu ponto de convergência na vivência, observar essa literatura, bem como seus reflexos na sociedade atual, traz para discussão o registro do presente da trajetória de um segmento populacional relegado ao subemprego, considerado como formado por analfabetos e destituídos de capacidade de utilizar adequadamente a linguagem e, por conseguinte, de produzir cultura. Nessa interface, perpassa essa discussão o questionamento dos processos de formação do cânone literário e o estudo de construções identitárias (SANTOS, 2019, p.22.).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ALINHAVANDO CAMINHOS POSSÍVEIS

Ao percorrer a escrita de Joremir de Assis Ferreira, a partir de um duplo espaço de pesquisador-familiar, busquei um reposicionamento de uma perspectiva, ao estabelecer um olhar crítico sobre os processos históricos que estão no plano de fundo de sua empreitada na escrita. Quando Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo aparecem na roda busquei costurar, pelas semelhanças e pelas particularidades, suas posicionalidades epistêmicas.

Continuo sentado no meio dessa roda. Percorri escritas, estabeleci ênfases em alguns espaços literários e teóricos. Aprendi algumas coisas e continuo necessitado de caminhar mais. Dentre as coisas que aprendi é que escrever literatura para essas mulheres é gestar em um ventre prenhe, novos espaços de circulação de suas vozes, uma nova maneira de compor rotas de escrita de si e de suas outras vozes historicamente silenciadas. É uma tecnologia de si que contorna processos históricos de opressão e desigualdade para produzir novos nascimentos, gestados cotidianamente, mesmo que a partir de violências que as deixam prenhes. Os filhos que esperam não mais serão escravizados, já nascem sob a inscrição de uma nova possibilidade de imposição de sua voz e de sua inventividade. Os filhos ecoam vozes perplexas e não sussurros inaudíveis das cozinhas das casas alheias.

Os filhos paridos por estas vozes-mulheres negras da contemporaneidade, têm vozes que podem compor rotas novas de criação literária, assim como de teoria e de crítica. São vozes negras como as de Ryane Leão, Débora dos Santos, Mel Duarte, Lívia Natália, Cristiane Sobral, Louise Queiroz, Fabiana Lima, Tatiana Nascimento, Mirian Santos, Calila das Mercês, são um conjunto de ecos-vozes-mulheres insubmissas.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011. (Consciência em debate)

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003. 132 p.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006. 120p.

FERREIRA, Joremir de Assis. Manuscritos inéditos, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. 3. ed., São Paulo: Ediouro, 1976.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2014.

FIGUEIREDO, Angela; GROSGOUEL, Ramón. Por que não Guerreiro Ramos?: Novos desafios a serem enfrentados pelas universidades públicas brasileiras. In: *Ciência e Cultura*, v.59, .2, pp. 36-41, 2007.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade”. In: *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/ 93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MIRANDA, Fernanda. *Silêncios prescritos: estudos de romances de autoras negras brasileiras (1859- 2006)*. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

MIRANDA, Fernanda. *A roda como forma de ler romancistas negras brasileiras*.

Disponível em:

<http://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/77-capa/2289-a-roda-como-forma-de-ler-romancistas-negras-brasileiras.html> . Acessado em 12 de março de 2020.

NATÁLIA, Livia. *Literatura Negra Uterina Parte Final*. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Ksj1UYfzCE> . Acessado em 10 de março de 2020.

NATÁLIA, Livia. *#selfiepoesia - lívia natália*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g7gIge41pww>. Acessado em 10 de março de 2020.

SANTOS, Mirian Cristina dos. *Intelectuais Negras: Prosa Negro-Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

Recebido em 14/04/2020.

Aceito em 30/07/2020.